

CAPÍTULO IV

A MÍSTICA NO MST: CAMPO DE REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADE

4.1. Construindo representações: a mística como uma *prática cultural e política* no MST

Compreender a mística no MST é um desafio para múltiplos olhares. A riqueza e a dinamicidade e a sua relação com os sujeitos que fazem parte do Movimento não se explicam por si só. Diversas são as *possibilidades de interpretação* sobre a prática da mística no MST. A diversidade de interpretações sobre uma única prática está ligada aos aportes teóricos e metodológicos de cada autor, bem como de suas respectivas áreas de pesquisa. No trabalho, analiso a mística como uma *prática cultural e política*, que se manifesta de forma plural no MST. E, quando digo *prática*, recorro às ideias do historiador Roger Chartier que destaca que a estrutura do mundo social é construída por meio de práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas), que são historicamente produzidas ³³⁵. Logo, as práticas estão presentes nos diversos grupos sociais, sendo elas complexas, múltiplas e diferenciadas.

No caso da mística desenvolvida pela organização do MST, por ser uma prática *apropriada* dos grupos religiosos que lhe prestavam assessoria (especialmente a CPT), ela também possui sua historicidade, ao passo que foi produzida e reproduzida historicamente junto ao Movimento. O *cultural* e o *político*, atribuídos ao seu entendimento, se explicam pelo fato de que não há como separar estas duas dimensões no fazer da mística. Analisando o conjunto de fontes selecionadas para edificação do trabalho, nota-se que a *política* se torna uma dimensão fundamental e importantíssima para se compreender os sentidos de sua produção no Movimento.

A luta pela terra é política! Mas, não é só isso. Neste sentido, a mística expressa simultaneamente a dimensão da *cultura*, pois busca representar como o MST vem construindo

³³⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 27.

o conjunto de mecanismos e regras que regem a sua organização³³⁶. Conforme salientou José D' Assunção Barros, ao analisar as concepções de Chartier, as *práticas culturais* não são apenas a feitura de um livro, uma técnica de determinada sociedade, mas “também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros”³³⁷. Para tanto, a mística no Movimento agregaria fortemente em seu fazer a dimensão *cultural e política*, que necessariamente não podem ser pensadas em separado, visando a uma melhor compreensão sobre os seus diversos significados e sentidos. A produção de sentidos dependerá essencialmente da realidade em que o grupo está vivenciando e dos princípios, objetivos e valores que o MST privilegia em sua organização.

Os estudos de Chartier, sobretudo, aos que tangem à chamada *história cultural*, que objetiva “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”³³⁸, foram significativos para criar reflexões sobre a mística³³⁹. Os “conceitos complementares” de *práticas e representações* sistematizados por Chartier e por Pierre Bourdieu tornaram-se fundamentais para avançar nas discussões³⁴⁰. Quando se salientam “conceitos complementares”, quero dizer que as “práticas e representações são sempre resultados de determinadas motivações e necessidades

³³⁶ A compreensão de cultura no trabalho está pautada nas ideias de Clifford Geertz, no qual salienta que cultura é um conjunto de mecanismos que regem e normatizam a vida dos grupos sociais. Ver: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

³³⁷ BARROS, José D' A. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Diálogos – Revista de História do DHI/PPH/UEM*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. p. 131.

³³⁸ CHARTIER, R., *A História Cultural*, p. 17.

³³⁹ Ao sistematizar os conceitos de *práticas e representações*, que são as *pedras angulares* de suas reflexões, Roger Chartier enuncia que a *história cultural* se basearia no estudo dos processos pelos quais os grupos constroem sentido ao mundo, ou do seu mundo. *A história cultural* trouxe em cena novos domínios de investigação para os historiadores, sem deixar de lado os postulados da história social. Essa apropriação de novos territórios pode ser pensada também como uma estratégia da própria disciplina histórica, alargando seus horizontes, no sentido de que não só a economia ou política fazem parte das relações. A história cultural contemplaria outras dimensões que fazem parte da vida dos sujeitos, em seus respectivos grupos. Por meio das análises das *práticas e representações*, os historiadores podem compreender os *modos de fazer* e os *modos de ver* o mundo. Ou seja, como os sujeitos e os grupos sociais estruturam suas formas de viver e conceber o mundo que o cercam. Para compreender melhor as ideias e conceitos que fundamentam o entendimento de história cultural na perspectiva de Chartier, ver: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

³⁴⁰ As ideias de Pierre Boudieu e Roger Chartier são bem semelhantes quanto ao conceito de *representações*. Entretanto, analisando suas obras, é possível observar que eles sistematizam o conceito de representações retomando as ideias de Marcel Mauss e Emile Durkheim, sobretudo as noções de *representações coletivas*. Neste sentido, nota-se que o conceito de representações vem sendo polido e trabalhado há bastante tempo, contribuindo para muitos pesquisadores na atualidade compreender a dinâmica e complexidade do mundo social. É de suma relevância destacar que este conceito tem sido utilizado em vários campos das ciências humanas, por vezes, com perspectivas distintas.

sociais”³⁴¹. Ou seja, cada grupo social possui suas *práticas* que geram *representações* e vice e versa, ao passo que estas são motivadas pelas necessidades e interesses de cada grupo social. Sendo uma *prática cultural e política* no MST, a mística se tornou relevante para a organização do MST, pois é *construtora de representações*. Essas representações construídas via mística também podem gerar práticas entre os integrantes do Movimento.

Todavia, o que compreendo por *representações*? Ao descrever o “mundo como representação”, Chartier salienta que a palavra *representação* atesta para duas definições de sentidos aparentemente contraditórios. Por um lado, representação faz “ver a ausência”, distinguindo o que representa e o que é representado. De outro lado, é a “apresentação de uma presença”, apresentação pública de uma coisa ou pessoa. Em suas palavras:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’³⁴².

Apropriando-me das ideias de Bourdieu e Chartier, compreendo que *representações* são construções sociais da realidade, em que os sujeitos sociais fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo. Desta forma, os sujeitos e o grupo, ao qual pertence, criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre a realidade. As representações visam construir o mundo social dos sujeitos, sendo elas matrizes dos discursos e das práticas dos grupos. Assim, compreender as representações dos grupos é compreender como o mundo dos mesmos é construído socialmente. Nas palavras de Chartier:

O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e práticas diferenciadas – ‘mesmo as representações colectivas mais elevadas só tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos’ – que tem por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua³⁴³.

³⁴¹ BARROS, José D’ A. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Diálogos* – Revista de História do DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. p. 134.

³⁴² CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 165.

³⁴³ CHARTIER, R., *A História Cultural*, p. 18.

Ao descrever sobre noções de *região, identidade e representação*, Bourdieu procura identificar o “poder das representações” na construção de uma realidade social, à medida que estas podem contribuir para produzir aquilo por elas descrito e designado. Explicando o conceito de representação, Bourdieu discute o mesmo partindo da realidade construída e dos “enunciados performativos”, que visam tornar reais os discursos produzidos pelos grupos. Desta maneira, é possível pensar que todos os discursos são socialmente construídos, objetivando agir no real. Adiante, pensando o *campo social*, Bourdieu destaca que há um jogo em que se produzem as representações e uma existência de crenças que as sustentam ³⁴⁴. Nesta perspectiva, no *campo social* haveria uma luta constante por representações ou classificações, em que os grupos criam suas representações para se fazerem ver, serem vistos e até para dominar uns aos outros. Logo, as sociedades são constituídas por grupos distintos, que manifestam diferentes representações do mundo.

Os grupos criam representações que objetivam agir na realidade. Deste modo, “o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto” ³⁴⁵. Na análise das obras de Bourdieu e Chartier, as representações estão localizadas no tempo e são social e historicamente construídas pelos sujeitos e seus respectivos grupos. Neste processo, nas tensões que envolvem as relações sociais, as representações criadas pelos grupos podem forjar uma realidade social. À medida que os grupos constroem representações de si mesmos e dos outros, elas podem ser elaboradas para submeter e oprimir. Sendo assim, em meio à sociedade haveria “lutas por representações”, que por sua vez visam à hierarquização da própria estrutura social.

Depois de explicar um pouco sobre o entendimento que faço do conceito de *representações*, volto à questão da mística ser uma *construtora de representações* no MST. Ao refletir sobre a mística como uma *prática cultural e política* no interior do Movimento, o seu celebrar se configura como um lugar privilegiado em que se processam *construções de representações*. Devendo ser praticada em distintos espaços e circunstâncias, através da mística, o Movimento constrói suas visões de mundo, estabelece quais são seus valores e crenças, expressa o que espera de seus integrantes, legitima a luta pela terra, ressalta quem são seus aliados e inimigos nas lutas, e constrói sua memória histórica. Enfim, representa o seu mundo e o mundo que está porvir com a luta dos trabalhadores e trabalhadoras.

Ao analisar o conjunto de fontes para edificação do trabalho e observar diversas apresentações de mística, compreendi que a mística se tornou relevante e necessária ao MST,

³⁴⁴ BOURDIEU, P., *O poder simbólico*, p. 107-132.

³⁴⁵ BOURDIEU, P., *O poder simbólico*, p. 118.

principalmente, porque ela se configura como um momento em que a organização do Movimento consegue se comunicar eficazmente com seus integrantes, evocando e ressoando representações que contemplem os valores, objetivos e interesses de sua organização. É preciso salientar que na organização do Movimento, existem outros meios e práticas em que se constroem representações, como, por exemplo, os diversos símbolos, músicas e materiais que são publicados por sua organização. Toda produção pode ser geradora de representações, e a mística, desde o seu princípio, se caracteriza como um momento privilegiado e fundamental na construção de representações no MST, tanto em relação a si mesmo, quanto em relação aos *Outros*. No fazer da mística, as representações se encontram nas falas, nos gestos, nos símbolos, nas canções e hinos de luta, bem como em todos os elementos utilizados em seu desenvolvimento.

Como *construtora de representações*, no transcorrer do processo histórico, a mística se consolidou como um *elemento estratégico* para a organização do MST. Por este viés de interpretação, não é tão complexo compreender porque ela é tão valorizada e cultivada pelo Movimento, chegando ao ponto de ser considerada sua *alma*. Ao tentar apreender alguns *sentidos objetivos* da prática da mística no MST, evidenciando sua relevância enquanto um *elemento estratégico* em sua organização, discutirei, ainda, nos próximos tópicos, dois aspectos fundamentais que perpassam toda a sistemática do fazer da mística, e que são responsáveis em grande parte pelo êxito desta prática na relação do Movimento com seus integrantes.

Estes aspectos se referem à construção de representações sobre sua *memória histórica*, a qual o MST edifica sua imagem e a de seus inimigos na luta pela terra. E, construindo sua memória histórica através da mística, o Movimento também processa a edificação de uma *identidade coletiva Sem Terra*, em que os sujeitos incorporam os valores, as visões de mundo, e os modos de ser particulares ao grupo. A construção de uma *memória histórica* e de uma *identidade coletiva Sem Terra* se caracteriza como essenciais para a resistência e sustentação do Movimento.

4.2. Mística e a construção de uma memória histórica

Organizado em uma sociedade conservadora, em meio à luta de representações no campo social, o MST se utiliza da mística para construir sua imagem e posição na estrutura social. Na mística, sempre se procura destacar o Movimento como *herdeiro* das lutas sociais históricas no campo, e construir representações negativas sobre os inimigos da organização. É

possível dizer que o fazer da mística produz a imagem do Movimento como se fosse o *redentor da história*. Para tanto, cria-se uma *memória histórica* para o grupo que, por vezes, é sistematizada de forma distinta da *memória oficial*. As apresentações de mística buscam o processar de uma *lógica histórica*, em que são retratadas a intensa opressão e violência sobre a classe trabalhadora, desde a América Portuguesa, território que hoje é compreendido como Brasil.

Por fazer alusão à questão da *memória*, é preciso apontar para a existência de *memórias individuais* (quando direcionadas à história de vida) e *memórias coletivas* (quando se enfatizam experiências de um grupo, experiências coletivas). Ao refletir sobre a construção de uma memória histórica no MST através da mística, direcionarei o olhar para *memórias coletivas*, em especial, a partir das ideias de Michael Pollak e Jacques Le Goff. Memória, a princípio, pode ser encarada apenas como algo *individual*, íntimo a própria pessoa. Entretanto, se utilizando dos estudos de Maurice Halbwachs, Pollak entende que a memória deve ser visualizada também como *coletiva*, sobretudo, “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”³⁴⁶. Compreendendo a memória enquanto uma *construção social*, e sendo ela *seletiva* – “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”³⁴⁷ - a memória coletiva também pode ser objeto de conflitos e de disputas políticas. De acordo com Le Goff, “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”³⁴⁸.

Nesta perspectiva, a memória passa a ser algo de valor e poder, fundamental para a sobrevivência dos grupos. E mais, em muitos casos, a memória também pode servir para legitimar ações e dominar uns aos outros. Como fenômeno construído historicamente, o Movimento se preocupa em edificar sua memória, ou construir sua *memória histórica*. A mística, enquanto um momento sublime no MST acaba se tornando fundamental neste processo. É possível pensar que no Movimento também há uma disputa constante por memórias, principalmente em contraposição com as memórias oficiais, ou seja, do Estado nacional. Isso fica evidenciado quando o MST elege seus heróis, seus mártires e suas lutas históricas, que são em seu entender as *verdadeiras* lutas sociais, dignas de serem

³⁴⁶ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social, p. 2. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁴⁷ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social, p. 4. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁴⁸ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996. p. 475.

rememoradas. Memória no Movimento é sinônimo de poder, e sendo poder, precisa ser construída e reconstruída a todo o momento. Sendo assim, a mística se torna um lugar privilegiado em que o Movimento processa a construção de suas memórias.

Para se construir uma memória histórica, o grupo necessita selecionar os acontecimentos e personagens que lhes são significativos, e que possuem sentidos em sua organização. Por este prisma, o MST procurou em sua trajetória histórica sistematizar e eleger as lutas sociais as quais se assemelha, e também os seus heróis e mártires que lhes são referências e inspiração para os seus triunfos sobre seus adversários. Uma das primeiras evidências por parte da organização do Movimento em sistematizar uma memória histórica foi no ano de 1986, quando publicou o *Caderno de Formação N° 2*, intitulado *História da Luta pela Terra*. O intento do material era organizar e selecionar algumas lutas históricas, as quais a organização do Movimento achava *dignas* de serem rememoradas. Segundo o MST, se os sujeitos “conhecessem sua história, permaneceria mais firme na luta”. No bojo das lutas dos primeiros oprimidos, que iriam desde as lutas dos *indígenas* e *negros*, dos *movimentos messiânicos*, das lutas organizadas por sindicatos como as *Ligas Camponesas*, até as diversas *lutas no período do Regime Militar*, o Movimento estaria continuando a “caminhada dos irmãos que já entraram na história”³⁴⁹. Após dois anos de sua criação, esta fonte propicia refletir que o MST compreendia o quanto era relevante para sua organização construir uma memória histórica.

Neste sentido, através da mística, havia um constante investimento em rememorar lutas históricas e reverenciar os mártires na luta pela terra. No *Caderno de Formação N° 27*, Ranulfo Peloso evidencia que no desenvolvimento da mística, “todos têm por obrigação incluir as histórias de resistência popular: muita gente, antes de nós, também acreditou e deu sua vida pela causa da liberdade”³⁵⁰. Analisando um conjunto publicações do MST, que não cabem ser enumeradas aqui, percebe-se que na construção de sua memória histórica, o Movimento se apoia em diversas lutas passadas. As lutas e os personagens históricos rememorados por sua organização advêm desde a colonização do Brasil, começando com as lutas dos indígenas contra os colonizadores, indo para Zumbi dos Palmares (1665-1695), Canudos (1893-1897), Guerra do Contestado (1912-1916), Ligas Camponesas (segunda metade do século XX), até as diversas ocupações de terras na década de 1970/80³⁵¹.

³⁴⁹ MST- Caderno de Formação N° 2. *História da Luta pela Terra*. Porto Alegre, fevereiro de 1986.

³⁵⁰ PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. In: MST- Caderno de Formação N° 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998. p. 11.

³⁵¹ O pesquisador Sebastião L. F. Vargas Netto, em sua tese de doutorado faz uma discussão significativa sobre como o MST se apropriou de diversas lutas históricas para a construção de sua memória. Neste sentido, procura

Na construção de sua memória histórica, o MST é inserido como um movimento social que teria uma *missão*: dar *continuidade* às lutas históricas pela terra. Sobre esta interpretação, é que salientei há momentos atrás que o Movimento se colocaria na posição de *redentor da história*. O *redentor* se refere ao fato dele ter o papel histórico de romper com o sistema imposto, tendo a incumbência de contribuir no processar de uma *nova história*, e na edificação de *novos céus e uma nova terra*. No livro *Brava Gente*, dos autores Bernardo M. Fernandes e João Pedro Stedile, torna-se possível dizer que há uma preocupação constante nos discursos em tentar construir uma *verdade histórica*, e um passado e presente para o MST. Cabe ressaltar que essa *verdade* foi constituída de acordo com as concepções de seus dirigentes e coordenadores. Na introdução do livro, já é possível perceber esta questão, quando Fernandes ressalta que “o MST é a continuação de 500 anos de luta pela terra”³⁵². Em seguida, Stedile também diz que “o MST é a continuidade de um processo histórico das lutas populares. Esperamos ser um elo com as lutas futuras. Este é o nosso papel histórico”³⁵³.

A partir das considerações de Pollak, no Movimento observo que há um “trabalho de enquadramento da memória”, em que os seus militantes trabalham em prol da construção de sua memória histórica³⁵⁴. Esse *enquadramento da memória* se configura como um *investimento*, em que é visado legitimar as ações sociais do grupo por meio da memória, ou como ressaltou a historiadora Suzana Lopes S. Ribeiro, “tem a finalidade de levarem os grupos a solidificar uma determinada consciência histórico-social”³⁵⁵. Porém, será que é possível pensar o MST como sendo *herdeiro* das lutas históricas pela terra, desde o período da Colonização? No caso, as referências de luta e de resistência podem até se caracterizarem como significativas para o grupo, mas atribuir ao Movimento o *título de herdeiro* de lutas que ocorreram há mais de trezentos anos não seria uma visão um tanto quanto anacrônica, ou extemporânea?

Cabe destacar que o MST traça a sua concepção de história como se ela fosse *linear*, em que os acontecimentos e fatos somaram-se e acarretaram na formação do Movimento. Sendo o processo histórico permeado de caminhos e descaminhos, em que os fenômenos por

apontar as similitudes e contradições face às lutas históricas da luta pela terra (Zumbi dos Palmares, Canudos, Contestado, Ligas Camponesas, etc.) em relação às lutas e a organização do Movimento. Ver: VARGAS NETTO, Sebastião L. F. *A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. 2007. Tese (Doutorado em História). USP, São Paulo.

³⁵² FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P., *Brava Gente*, p. 12.

³⁵³ FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P., *Brava Gente*, p. 58.

³⁵⁴ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social, p. 6-7. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁵⁵ RIBEIRO, Suzana L. S. *Tramas e Traumas: identidades em marcha*. São Paulo, 2007. 392 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. p. 297.

vezes não se *encaixam* tão simplesmente, penso que a história não deve ser encarada como linear, nem tão pouco previsível. Nas lutas históricas pela terra, não há linearidade, mesmo que alguns grupos se apropriem de práticas e concepções de outros grupos que os antecederam. No caso do MST, o entendo como um Movimento singular, que nasceu devido às contradições sociais que existiam na época e foi (re) construindo suas práticas no transcorrer do tempo, conforme suas necessidades e objetivos. Não se trata de negar que o Movimento não tenha *aprendido* com lutas históricas passadas, pelo contrário, muitas lutas serviram de referência para algumas práticas que o mesmo vem organizando no *dever* da história. Nesta direção, cito as palavras de Émerson Neves da Silva:

Destacamos que não há uma relação linear. A experiência de camponeses, positiva ou negativa, ocorrida no período pré-1964, não determina diretamente a constituição do MST, mas alguns elementos são pinçados e ressignificados pelos sem-terra, tais como ocupação como meio de luta e dependência política do Estado (MASTER), radicalidade da proposta de reforma agrária, massificação da mobilização, direção centralizada por pessoas ‘estranhas’ ao meio camponês (Ligas Camponesas) ³⁵⁶.

Objetivando edificar uma *verdade histórica* para si, e também em relação a outros grupos, essa discussão se torna um pouco demais densa, principalmente pelo fato de que o MST ao passo que se identifica com algumas lutas históricas pela terra, também faz questão de se afastar de outras lutas. Isto é, o Movimento se preocupou em eleger a quem quer se assemelhar, e se afastou de outros grupos, como se fossem *menos lutadores*.

Nos discursos proferidos por Stedile, em entrevista a Fernandes, essa preocupação fica muito latente, especialmente quando relata com convicção que: “nós do MST nos consideramos herdeiros e seguidores das Ligas Camponesas, porque aprendemos com sua experiência histórica e ressurgimos com outras formas” ³⁵⁷. Em contrapartida, momentos depois, rejeita a ideia de que a criação do Movimento possa ter alguma coisa a ver com a luta do Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER)³⁵⁸, no Sul do país. “Mas o ressurgimento da luta, ou especificamente o surgimento do MST, no Sul, não tem muito a ver

³⁵⁶ SILVA, Émerson N. da., *Formação e ideário do MST*, p. 57.

³⁵⁷ FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P., *Brava Gente*, p. 18.

³⁵⁸ O MASTER foi um movimento criado no Rio Grande do Sul, em 1958, sob influências de líderes políticos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sobretudo na figura de Leonel Brizola, Paulo Schilling, Jair Calixto e João Sem-Terra. A atuação do MASTER era afim de pressionar o Governo Estadual para que efetivasse políticas de assentamentos de reforma agrária. O movimento atuou entre os anos de 1958 a 1964, quando foi posto na ilegalidade pelo Regime Militar.

com a memória histórica do Master”³⁵⁹. Ao dizer estas palavras, Stedile atenta para a memória histórica que o MST quer criar para si. Na figura de Stedile, o Movimento reconhece a atuação do MASTER, contudo não o elege para ser identificado com a sua organização. No caso do MASTER, não interessava a memória histórica do MST devido ao fato deste movimento estar muito atrelado ao antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tendo seu maior expoente Leonel Brizola.

A questão de se levantar estas discussões não está no fato de investigar se o Movimento vem criando uma história para si *falsa* ou *verdadeira*, mas apontar que em meio a esta história há limites, escolhas e exclusões. Sendo assim, o investimento em se construir uma memória histórica para o grupo perpassa por *relações de poder*, em que há uma luta constante por representações. Ou melhor, no processo histórico, ao sistematizar a sua história, o MST também procurou construir socialmente a realidade, expondo suas visões de mundo e o que esperava dos seus integrantes. Por este viés, a prática da mística na organização do Movimento se tornou essencial, pois através do seu fazer se constrói a sua memória histórica. Junto com outras práticas, a mística somou-se para alçar o Movimento como *redentor da história*.

Ao refletir que a mística no MST intenta *produzir sentidos* para a sua história, Christine de A. Chaves elucidou algo significativo que vai ao encontro do que vem sendo discutido: por meio da mística, a história do MST ganha *densidade mítica* e, por isso, o Movimento se insere nas lutas pela terra como redentor da história. Desta forma, pode-se pensar que de certa forma a mística *sacraliza* a luta pela terra, fornecendo confiança e convencimento necessários aos sujeitos. É neste momento, que as dimensões *político/religiosa* se fundem na prática da mística, dando significados e sentidos para aquilo que se quer expressar.

Através da mística, a História adquire densidade mítica. Ela é representada por uma oposição dual entre explorados e exploradores, numa luta cujo o termo é definido pela vitória dos oprimidos. A noção de luta de classes funde-se com a noção cristã de sacrifício e redenção dos fracos. Se por um lado enfatiza-se a consciência da História como porvir repletos de possibilidades, por outro lado também se agrega a idéia de ser possível emprestar às suas transformações um sentido definido, que se pretende imprimir através da luta. A mística provê aos sem-terra a confiança na vitória em sua luta, ao trazer à consciência o poder coletivo manifesto na multidão (Sublinhado meu)³⁶⁰.

³⁵⁹ FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P., *Brava Gente*, p. 17.

³⁶⁰ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 82.

Ainda sobre as reflexões de Chaves, é interessante como essa autora interpretou o fazer da mística na organização do Movimento. Em sua visão, a mística se configura como uma *prática coletiva*, mas que visa agir também individualmente entre os integrantes do Movimento. Para os interesses e objetivos do MST, a mística se tornaria essencial e imprescindível. Ela seria o “que une”, e isso se torna fundamental para um movimento social que trabalha e dimensiona sua força no caráter coletivo. Deste modo, a mística é tida como “razão de poder eficaz”³⁶¹. Chaves compara essa prática ao *mana*, sistematizado por Marcel Mauss³⁶². O *mana* significa poder místico, magia, uma crença que se torna ativa e eficaz. Como o *mana*, a mística traz à tona imagens/ideias, “uma vez dotadas de sentimentos, são infundidas de um sentido que, portador de forças coletivas inconscientes, é percebido como eficaz”³⁶³. Nessa perspectiva, a mística no MST e a luta política não se diferenciam. Elas estão imbricadas. E, fazendo alusão às ideias de Mauss, essa prática no Movimento se configuraria como tão importante porque proporciona uma “produção coletiva de opinião”³⁶⁴.

Para Chaves, na organização do Movimento, a mística “transformou-se em mais uma técnica de controle de massas”³⁶⁵. Isto é, no MST ela serviria para abafar os conflitos, descontentamentos, ativar o ânimo dos sujeitos, dentre outras funções. Estudando a *Marcha Nacional do MST* até Brasília, a autora observou que a mística era praticada muitas vezes para abafar brigas, reativar os objetivos principais da *Marcha*, animar os companheiros que estavam desanimados. Mas, diante dessa interpretação: será que é possível conceber a mística como sendo uma “técnica de controle de massas”? Ao propor isso, não estaria negando a capacidade de raciocínio dos sujeitos? Acredito que a mística é desenvolvida estrategicamente na organização do MST, contudo, não consigo limitar tal prática a uma interpretação fechada, como se fosse uma *técnica*, ainda mais de *controle de massas*. Se pensasse dessa maneira, não conseguiria compreender outras questões relacionadas à mística, nem como os sujeitos se apropriariam dela. Ao refletir sobre a mística como uma “técnica de controle de massas”, negaria sua dinamicidade, riqueza, beleza e poder no interior do Movimento.

Retornando à questão do MST e à construção de sua memória histórica, é significativo como o Movimento recorre intensamente ao passado para explicar e legitimar suas ações no presente. Em sua palavra de ordem - *Che, Zumbi, Antônio Conselheiro, na luta por justiça somos todos companheiros* -, tão invocada nas mais diversas manifestações que empreende,

³⁶¹ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 79.

³⁶² MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. 1. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

³⁶³ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 87.

³⁶⁴ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 88.

³⁶⁵ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 406.

encontram-se elementos que subsidiam essa reflexão. Na luta por justiça, o MST se torna companheiro de Zumbi dos Palmares, Antônio Conselheiro e do ícone revolucionário latino-americano Ernesto Guevara, mais conhecido como *Che*. Rememorar personagens históricos e se apoiar em lutas passadas acabam se tornando elementos poderosos e legítimos para ações do presente ³⁶⁶. No entender de Sebastião L. F. Vargas Netto, o MST se utiliza de um passado histórico como mais uma “estratégia de luta” ³⁶⁷, na qual o passado é organizado no sentido de legitimar as lutas no presente, na perspectiva de mudar a lógica do futuro. Para tanto, no Movimento, o *passado*, *presente* e *futuro* formam uma simbiose. Os três tempos andam juntos. As ações do Movimento no *presente* são calcadas no *passado* que, por sua vez, pretende mudar os rumos de um tempo *futuro*. Desta forma, não há como conceber estes três tempos separados em sua organização e ações. Analisando essa relação no Movimento explicita:

Passado e futuro, mesclados em uma imprevisível mistura de tempos. Passado e futuro, por fim, deixando de serem adversários e oponentes que foram sob o ‘império da modernidade’. Passado e futuro, juntos num mesmo olhar, condição de uma nova consciência histórica. Os novos movimentos sociais acreditam e dizem que a história pode derrotar a ilusão do presente perpétuo, revelando a existência de um ‘antes’ diferente e promessa de um depois não menos diferente (e de certa forma imprevisível) ³⁶⁸.

Nas apresentações das místicas, a relação *passado*, *presente* e *futuro* é visível. Através dos acontecimentos ocorridos em tempos pretéritos, busca-se dar sentido às lutas no presente. E, nos acampamentos e assentamentos, ao se referir à mística, os sujeitos entrevistados para realização do trabalho, em suas narrativas, evidenciaram resquícios no que tange à construção da *memória histórica* por parte da organização do MST. Grande parte dos sujeitos disse que a mística fazia “lembrar o passado”, “as histórias” e “os acontecidos”. Comentando que uma mística havia marcado muito sua vida, o acampado Jorge destacou que “foi a uma mística do Eldorado dos Carajás, que foi dia 19 de abril” ³⁶⁹. Vivendo em um acampamento no Oeste do estado de São Paulo, porque Jorge iria lembrar-se de uma mística sobre o massacre do Eldorado dos Carajás, que ocorrera no estado do Pará? A sua fala, como a de outros acampados e assentados, pode ser considerada evidência de que a prática da mística se torna

³⁶⁶ O pesquisador José de Souza Martins também reflete sobre essa questão, ao dizer que o MST fabrica e mistifica sua história, no intuito de legitimar suas ações. Ver: MARTINS, José de S. *Reforma Agrária: o impossível diálogo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 107.

³⁶⁷ VARGAS NETTO, S. L. F., *A Mística da Resistência*, p. 127-8.

³⁶⁸ VARGAS NETTO, S. L. F., *A Mística da Resistência*, p. 157.

³⁶⁹ Jorge. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 14/01/2007.

algo relevante e eficaz na construção da memória histórica do MST entre os sujeitos. Ao mesmo tempo em que estava no acampamento Madre Cristina, através da mística, Jorge lembrava e sentia que fazia parte de um passado histórico na luta pela terra, que na ocasião se referia à luta em Eldorado dos Carajás.

Por meio da mística, a memória histórica construída pelo Movimento é representada. Nesta perspectiva, é significativo destacar como o MST passou a investir na construção de seus heróis e mártires ao longo do tempo: Che Guevara, Roseli Nunes, Jesus Cristo, Madre Cristina, Florestan Fernandes, Paulo Freire, José Martín, José Saramago, Maringhella, Zumbi dos Palmares, Antônio Conselheiro, Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Chico Mendes, Dorcelina Folador, dentre tantos outros nomes que compõem as referências de serem lutadores e lutadoras do povo. Nas músicas, poesias, cartilhas, manuais de organização, cadernos de formação, acampamentos, assentamentos, escolas, cooperativas, entre outros espaços que a organização do Movimento se faz presente, esses são alguns nomes que recebem homenagens e reverências. A partir dos nomes citados, nota-se que há uma mescla de referências (religiosos, revolucionários, intelectuais, militante do MST etc.), que num primeiro olhar são contraditórios, mas que na organização do MST tomam uma dimensão harmoniosa. Essa questão impressiona e chama atenção, pois demonstra a capacidade do Movimento em articular referências que são aparentemente incongruentes, e canalizá-las para o fortalecimento de sua memória.

Na mística, os heróis e mártires do MST são sempre rememorados. Outrossim, para o Movimento, os mártires se configuram como “alimento da mística” e da resistência. Celebrar os mártires seria uma expressão de gratidão àqueles que deram suas vidas lutando por um futuro melhor. Neste sentido, uma organização que esquecesse dos seus mártires não mereceria sobreviver. No Caderno do Educando *Pra Solettrar a Liberdade Nº 2*, há um trecho de um texto bem elucidativo quanto à relevância de se cultivar a memória dos mártires na organização do Movimento:

A memória subversiva de tantos mártires é alimento da mística e da resistência de nossos povos que lutam por libertação. A celebração dessa memória é a melhor *expressão de uma gratidão* que conforta e que compromete. *Um povo que se esquece de seus mártires não merece sobreviver.* Esta memória é materializada nos nomes, nos rostos, nas palavras que adornam as casas, camisetas, murais, cartazes ³⁷⁰.

³⁷⁰ MST - Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 2. 2ª Ed. *Somos Sem Terra*. São Paulo, julho de 2003.

Essa construção de mártires e lutadores, que acabaram se tornando referências para a memória histórica do Movimento, se encontra sempre em movimento, tendo em vista que à medida que alguma figura importante para o MST falece, ou algum integrante de sua organização morre em conflitos, ou são vítimas de assassinatos por estarem ligados à sua organização, muitos desses sujeitos acabam sendo considerados mártires e referências.

Nessa direção, elucidado o caso do jovem Oziel, 17 anos, que foi assassinado brutalmente por policiais no massacre do Eldorado dos Carajás ³⁷¹. Em 2006, o *Setor de Formação do MST* publicou um material fazendo menção à importância de Oziel para a memória do Movimento. De maneira geral, a publicação foi uma homenagem e recordação aos 10 anos do massacre, ocorrido em 17 de abril de 1996, no estado do Pará ³⁷². No conflito, morreram 19 trabalhadores e centenas ficaram feridos. A morte do jovem chamado Oziel ganhou destaque nacional no MST, pois com apenas 17 anos, honrou momentos antes de sua morte, o nome do Movimento, não se calando diante da violência sofrida.

Eldorado dos Carajás se configura como um *marco de memória* entre os integrantes do Movimento. Os sujeitos que morreram no conflito, especialmente Oziel, se tornaram mártires e referências para sua organização. Analisando o material referido, o objetivo central seria chamar a atenção da juventude do MST para o exemplo de Oziel e dos outros trabalhadores que morreram no conflito. O Movimento procurava criar na figura de Oziel um exemplo para sua juventude, e como dissera Adelar Pizetta, os jovens do MST necessitariam ser herdeiros dos sonhos e ideais de Oziel, bem como de outros lutadores e lutadoras que deram seu sangue para causa da liberdade dos oprimidos. “Somos herdeiros dos ideais e sonhos de Liberdade de tantos brasileiros e brasileiras que, como Oziel, regaram com o sangue do corpo, da pertença, da indignação, e da rebeldia, as sementes da Nova Sociedade” ³⁷³. Assim como Oziel, outros tantos nomes fazem parte da memória histórica do Movimento, e partindo do pressuposto de que o MST está em seu *dever*, é possível dizer que outros nomes serão inseridos futuramente como referências a serem seguidas. A mística nesse processo é um elemento essencial, ao passo que constrói representações positivas sobre os mártires e lutadores que povoam a memória histórica do Movimento.

³⁷¹ O Setor de Direitos Humanos do MST, junto com o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), e a Comissão Pastoral da Terra (CPT- Marabá/PA), elaborou um material interessante sobre o massacre do Eldorado dos Carajás, demonstrando como ocorreu o massacre e os desdobramentos judiciais sobre o caso. Ver: MST – *Massacre de Eldorado dos Carajás*. s/d.

³⁷² BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006.

³⁷³ PIZETTA, Adelar João. Oziel: uma semente jovem! p. 11. In: BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006. p. 8-17.

Como se fosse numa relação dialética, ao construir seus mártires e heróis, historicamente, o MST se utiliza também da mística para construir representações sobre seus inimigos, ou adversários na luta pela terra. Representar os inimigos, ou aqueles que reprimem as ações do Movimento, é algo característico na mística. Essas representações negativas em relação a alguns grupos, por sua vez, fazem parte da memória histórica da organização do MST e de grande parte de seus integrantes. A imagem, abaixo, que se refere a uma apresentação de mística na ocasião do *V Congresso Nacional do MST*, realizado em Brasília, no ano de 2007, se torna bem elucidativa e possibilita refletir quanto a isso.

Imagem 13 - Apresentação de mística realizada no V Congresso Nacional do MST, realizado em Brasília – DF, entre os dias 11 a 15 de junho de 2007.



Fonte: Douglas Mansur (Acervo Pessoal).

O objetivo central do momento na mística é retratar as violências sofridas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra no decorrer do processo histórico. É comum na mística se representar jagunços³⁷⁴ e policiais agredindo os sujeitos nas lutas pela terra. Provavelmente os Sem Terra estão sofrendo atos violentos após alguma manifestação, como

³⁷⁴ Por *jagunços*, compreendo que são pessoas contratadas de forma ilegal por proprietários de terras para defenderem de forma armada suas propriedades. Os jagunços também por vezes são contratados para matarem lideranças de trabalhadores rurais, objetivando intimidar os grupos que lutam pela terra.

ocupações, ou em um momento de desocupação de alguma área, em que autoridades militares e particulares (jagunços) são acionadas. Apesar de os repressores não estarem vestidos com o mesmo uniforme, sendo um homem vestido com uma farda que parece ser do Exército Brasileiro, e outros com uma espécie de colete da cor preta, provavelmente seja a representação de policiais e jagunços. As autoridades militares na mística quase sempre são apresentadas aos sujeitos como inimigas, defensoras dos burgueses e dos interesses dos conservadores, que de certa forma detém o poder político do país.

O que era representado na imagem era muito forte e impressionava os sujeitos que estavam assistindo a mística. Jagunços e policiais ferozes, armados e sem piedade, agrediam integrantes do Movimento. E suas práticas de violência eram tão bárbaras que remetiam ao Período Colonial, em que os escravos eram punidos nos chamados *pau-de-arara*³⁷⁵. Percebe-se que dois jagunços estavam preparando uma manifestante do Movimento para ser torturada no pau-de-arara, amarrando seus braços e pernas num pedaço de madeira, para depois colocá-la de cabeça para baixo. Ao fundo, um homem tocando um tambor vagamente, e a cor preta dos coletes davam o tom de nebulosidade ao momento. Os repressores eram representados como impiedosos, assassinos de almas, e perpetuadores da injustiça social e da *ordem* que oprimia.

Não só na mística expressa na imagem, mas nas apresentações em geral há uma preocupação dicotômica em evidenciar o *bem* e o *mal*. No caso da imagem, a maldade estava atrelada à figura dos jagunços e policiais. Nessa perspectiva, Chaves elencou esse traço característico da mística, no que se refere à criação de imagens sobre seus inimigos. Sendo ela por essência uma dramatização, cujo tema central predominante é a luta pela terra, o Movimento é constituído como o protagonista deste drama. Em quase todo drama existe o *mocinho* e o *bandido*, na mística essas representações são constantes. Chaves descreveu sobre a preocupação do MST em criar representações de seus *antagonistas* através da mística:

Na mística do MST o motivo ou tema dessa pintura é a 'luta'. Embora a representação do mundo produzida no MST seja relativamente estável, como um quadro, a luta como motivo é, em si mesma, dinâmica. A luta é ação, portanto, drama. Nesse drama, o MST constitui-se como ator, protagonista principal. O sentido agonístico desse conceito fundamental ao MST, a luta, não poderia, no drama que ela supõe e que o protagonista enceta, prescindir de um antagonista de igual envergadura. Conforme as demandas do

³⁷⁵ Instrumento de tortura muito utilizado no Brasil Colônia para punir escravos *rebeldes*, e também para forçar confissões de presos.

contexto, esse antagonista apresenta-se sob os títulos de ‘governo’, ‘burguesia’, ‘latifundiários’³⁷⁶.

Em seu desenvolvimento, a prática da mística acompanhou a construção histórica dos adversários do Movimento. Na ocasião do seu *XIII Encontro Nacional*, em janeiro de 2009, houve diversos momentos de mística, geralmente no período da manhã, tarde e noite. A maioria das apresentações procurava representar os sofrimentos dos Sem Terras e de outros grupos oprimidos pelo poder dominante, evidenciando os adversários do Movimento nas lutas por justiça social. Antes de uma apresentação, foi levantado no local, em que se concentravam os participantes para a realização das atividades, um cartaz enorme contendo a maioria dos grupos que o Movimento considerava (e considera) seus adversários nas lutas.

Imagem 14 - Cartaz exposto antes de uma mística apresentada no XIII Encontro Nacional do MST, realizado em Sarandi – RS, entre os dias 20 a 24 de janeiro de 2009.



Fonte: Fabiano Coelho (Acervo Pessoal).

Na imagem do cartaz, muito mais que tentar mostrar os seus inimigos, o MST também procurava criar representações de que era preciso romper com as cercas do latifúndio e procurar destruir a hegemonia dos grupos ali representados. Junto com o tradicional latifúndio, pode-se observar que outros grupos foram sendo incorporados historicamente

³⁷⁶ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 86.

como adversários do Movimento, destacando os meios de comunicação como SBT e Rede Globo, grandes empresas multinacionais que se apropriaram de enorme quantidade de terras no país e também monopolizaram a circulação de produtos agrícolas e sementes, como a Cargill, Monsanto, Syngenta e Bunge, e também empresas multinacionais de bebidas e alimentos, como Coca-Cola e McDonald.

Ainda há duas representações curiosas na imagem: a bandeira de Israel e o símbolo da suástica, utilizado pela Alemanha Nazista de Adolf Hitler. Em relação ao símbolo da suástica, o Movimento declarava o seu repúdio a governos totalitários e ditadores, e que defendiam a supremacia de uma raça ou nação sobre as outras, especialmente aos países subdesenvolvidos. A menção a Israel, pelo que se pode observar, se dava à medida que no Encontro estavam presentes alguns representantes do governo Palestino, inimigos declarado da política israelense. Ressalta-se que Israel nas últimas décadas passou a ser um aliado dos Estados Unidos e isso pode ter contribuído, pois o MST historicamente repudia a política norte-americana. Inserir Israel no cartaz, como sendo um país opressor, também era uma forma de demonstrar apoio aos palestinos que estavam presentes no Encontro. Cabe sublinhar, ainda, que os conflitos históricos entre Israel e Palestina não são apenas religiosos, mas sim políticos, principalmente no que se refere à demarcação de territórios. Por esta interpretação, MST e Palestina se assemelhavam na questão de lutarem historicamente por terra.

No rol de adversários, ou de grupos que o Movimento considerava opressores e dominadores, os sujeitos que confeccionaram o cartaz procuraram representar alguns. Ou seja, existiam outros grupos, os quais o Movimento repudiava em sua organização, como é o caso das próprias autoridades militares, outros meios de comunicação como a Revista *Veja*, os grupos organizados de latifundiários, como foi o caso da União Democrática Ruralista (UDR), etc. Sobre o cartaz analisado, outra reflexão significativa é o fato de que os grupos representados ali são tidos como cruéis, dominadores e responsáveis pela miséria de grande parte do mundo, não só do Brasil. Para estes grupos, o dinheiro e o poder estariam acima da dignidade e da vida humana. Essa representação se torna visível no lado esquerdo da imagem, em que é expresso o que estes grupos vêm gerando: opressão, manipulação e corrupção, tristeza, dor, vidas humanas sem perspectivas e desesperançadas, fome, dentre outras mazelas sociais. As gotas de sangue representavam o ápice de tudo isso: a morte!

Na mística, as mensagens devem encorajar os sujeitos, de que é possível transformar a realidade. Momentos depois que começou a mística em que estava sendo utilizado o cartaz, dezenas de sujeitos, apareceram por trás dele e o destruiu. Aquele gesto simbolizava que era preciso lutar contra os grupos que oprimiam os trabalhadores e trabalhadoras. Os semblantes

daqueles que participaram daquela destruição simbólica do cartaz era diferente, parecia que eles haviam dado um passo rumo a uma nova realidade. Apesar de ser um ato simbólico, o momento era repleto de significados, que se incorporados pelos sujeitos que ali estavam, poderia ser relevante para muitos pensamentos e ações futuras do grupo.

Conversando com os sujeitos no acampamento e assentamento, compreendi que as representações dos inimigos do MST se faziam presentes no cotidiano dos sujeitos. Muitos dos entrevistados, ao falarem sobre a mística, expressavam a sua negação ao *latifúndio*, aos *fazendeiros*, à *elite*, à *burguesia*, às *autoridades policiais e judiciárias* e também às *políticas adotadas pelo Estado brasileiro*. É possível que estas representações dos sujeitos possam ter sido criadas e solidificadas através do fazer da mística. As representações dos inimigos do Movimento eram constantes nas narrativas dos sujeitos, especialmente quando falavam dos momentos de mística.

Dona Maria Francelina, ao salientar a importância da mística ainda quando vivia no acampamento Lagoão (Madre Cristina), evidenciou os adversários na luta pela terra com veemência. Ao dizer que gostava e achava a mística importante, explicitou que nas apresentações eram “os latifundiários contra os sem-terra”, e a mística mostrava que “muitos latifundiários só querem a terra pra eles”³⁷⁷. Os *latifundiários* como inimigos históricos do MST eram evidenciados na fala da assentada. À medida que eles não queriam dividir a terra para quem nela queria trabalhar, seria necessário lutar contra esse inimigo. A dimensão da *luta de classes* (Latifundiários X MST) é algo que perpassava a fala de dona Maria, e que provavelmente era representada na mística no tempo do acampamento. A questão da redistribuição de terras é um ponto basilar que acompanha o Movimento desde sua criação, no qual os seus discursos eram ancorados na *ética cristã*, pregada pelas *Pastorais Populares* que auxiliavam os movimentos sociais no campo. Essa *ética* primava pela redistribuição de terras, pois a terra como uma *dádiva de Deus* deveria ser distribuída entre todos aqueles que queriam nela trabalhar e viver.

Nas diversas narrativas edificadas, os *usineiros* eram sempre mencionados como adversários na luta pela terra. No extremo Oeste Paulista, região em que viviam os sujeitos entrevistados, instalaram-se diversas usinas de cana-de-açúcar na última década. Com isso, elas transformaram significativamente a paisagem e se tornaram, para o MST e para os sujeitos, uma ameaça real no processo de reforma agrária na região. Através da mística eram construídas representações negativas sobre os inimigos, ou seja, em relação aos usineiros e às

³⁷⁷ Maria Francelina. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

usinas de cana-de-açúcar. A narrativa do casal Francisco e Lourdes, na época, acampados, é bem elucidativa quanto ao fato de a mística criar representações sobre a realidade da região. De acordo com Francisco, a mística mostrava o quanto as usinas “matavam as pessoas de tanto trabalhar”. Segundo o casal, na mística, contavam-se as histórias e sofrimentos dos trabalhadores: “Contando como é, como ta acontecendo até hoje esse trabalho, esse trabalho da cana, nessas usinas, então fala que a gente além do homem sofrer muito nos canaviais, a gente não vai comer só cana, então a mística é mostrando essas coisas”³⁷⁸. E nesse processo, também procurava representar:

[...] também que por exemplo, se meia dúzia de usineiro, o dinheiro só fica ali naquela meia dúzia de usineiro, o resto vai pela dificuldade, só os cortadores de cana vai cada vez mais sendo mais, sei lá, vai aumentando a pobreza, os trabalhadores de cana são muitos, os usineiros são poucos, então o dinheiro fica ali concentrado ali naquela meia dúzia³⁷⁹.

Para aquela realidade, os inimigos a serem combatidos eram os usineiros. A mística como construtora de representações era desenvolvida no acampamento para criar imagens negativas sobre os canaviais e os usineiros da região. Em contraposição à noção de *progresso*, tal prática procurava retratar os canaviais como lugar de sofrimento e miséria. Reforçando essa representação negativa, Lourdes utilizava-se do discurso de que os seres humanos não se alimentavam apenas da cana. A viabilização de assentamentos nesse sentido faria um bem à sociedade, pois as famílias produziriam alimentos de primeira necessidade. Neste viés, a narrativa de Francisco e Lourdes buscava dar sentido à realidade do grupo e potencializava as suas ações visando uma transformação. No caso, o predomínio dos usineiros deveria ser combatido, já que eles proporcionariam exploração e sofrimento aos sujeitos que trabalhariam nos canaviais.

No processo de construção de sua memória histórica, e como o Movimento edifica representações sobre seus adversários, o que também chama atenção sobre essa discussão se refere ao fato de como os sujeitos incorporam os discursos veiculados pelo Movimento. No assentamento, mesmo não participando tanto das atividades do MST, muitos entrevistados ainda carregavam em seus pensamentos e discursos as representações sobre os inimigos na luta pela terra. Assim, a mística se tornou uma prática essencial na construção de

³⁷⁸ Lourdes e Francisco. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura – SP, 06/05/2007.

³⁷⁹ Lourdes e Francisco. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura – SP, 06/05/2007.

representações sobre os inimigos do Movimento. Tais representações constituem-se como partes relevantes da memória histórica que sua organização vem construindo no transcorrer do tempo.

4.3. Mística e a construção da identidade coletiva Sem Terra

Como já havia destacado anteriormente, a mística como *construtora de representações* no MST também se torna uma *prática identitária*, ao passo que auxilia na construção da identidade Sem Terra. Isto é, outro aspecto fundamental que perpassa a realização da mística no Movimento se refere ao fato de ela ser relevante na construção de uma identidade coletiva, ou melhor: uma *identidade coletiva Sem Terra*. Simultaneamente à construção de sua memória histórica, o Movimento através da mística também constrói sua identidade coletiva, em que os sujeitos são estimulados a *interiorizar*³⁸⁰ seus valores, visões de mundo, e modos de ser particulares ao grupo.

Não obstante, o investimento do MST na construção de sua memória histórica se torna algo fundamental para a edificação de sua identidade coletiva, pois a memória é um elemento constituinte do *sentimento de identidade*. Discutindo questões inerentes às *memórias*, sejam individuais, sejam coletivas, Pollak compreende que elas são fundamentais para despertar sentimentos de pertença a determinado grupo³⁸¹. Pelo mesmo viés de interpretação, Le Goff entende que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar ‘identidade’, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”³⁸². A mística, sendo uma prática que auxilia na construção de memórias no MST, ao mesmo tempo contribui com a edificação da *identidade coletiva Sem Terra*, visando à coerência, à continuidade e à organização do grupo. Deste modo, pode-se dizer que a memória “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente

³⁸⁰ Ao utilizar o conceito *interiorizar*, ou *interiorização*, reflito sobre as ideias dos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann, os quais compreendem que os indivíduos só se tornam membro de uma sociedade caso os mesmos tenham *interiorizado* os mecanismos que a regem. Sendo assim, no MST, e também em outros grupos sociais, os sujeitos só se sentem pertencentes a eles quando interiorizam os seus modos de viver, suas práticas etc. Para tanto, interiorizar faz parte do processo de construção das identidades. Ver: BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 26ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 174-175.

³⁸¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. p. 3. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁸² LE GOFF, J., *História e Memória*, p. 476.

importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”³⁸³.

Concebendo *memória* e *identidade* como *faces de uma mesma moeda*, no sentido de que a memória é um elemento construtor de identidades, e que as identidades também se apoiam nas memórias para se fazerem legítimas, os sujeitos, ao organizarem suas lembranças, se identificam e evidenciam um passado comum a determinado grupo. Por meio das narrativas edificadas com acampados e assentados, foi possível compreender a construção de identidades dos sujeitos, bem como estes organizavam suas vivências e experiências individuais e coletivas. Na organização do MST, o constante investimento em se construir uma memória histórica se torna relevante para a solidificação da sua identidade coletiva.

Para dar continuidade à discussão, resalto o que entendo por *identidade coletiva* e, em seguida, o que seria *identidade coletiva Sem Terra*. Entretanto, a princípio o que vem a ser *identidade*, ou *identidades*? Não é tão simples dizer que *identidade é isso ou aquilo*, pois o próprio conceito de identidade vem sendo pensado de longa data, nos mais variados campos do saber³⁸⁴. Como o foco do trabalho é outro, não caberia discutir densamente as diversas abordagens e perspectivas que circundam o conceito *identidade*. Para tanto, grosso modo, compreendo identidade, neste trabalho, como “processos em que a noção de pertencimento e de continuidade histórica dos grupos sociais são construídas em meio a lutas sociais, políticas e econômicas e suas contradições e ambigüidades”³⁸⁵. Logo, identidade é uma *construção social*, que como diriam Bourdieu e Chartier, se erige em meio a um “jogo”, ou “disputa” por representações. Sendo algo construído e nunca dado, as identidades não são isentas de transformações e negociações.

Em seus estudos, Peter L. Berger e Thomas Luckmann descrevem alguns apontamentos significativos sobre a complexidade que envolve o “fenômeno das identidades”³⁸⁶. Para eles, as identidades são formadas por processos sociais, ou seja, os sujeitos e os grupos sociais, a partir de sua história e de suas relações sociais, constroem identidades. Desta forma, as identidades são construídas através de uma relação dialética –

³⁸³ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. p. 5. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁸⁴ Em sua Tese de Doutorado, Suzana L. S. Ribeiro faz uma discussão interessante sobre a historicidade do conceito identidade, destacando as concepções de alguns autores das diversas áreas do conhecimento. Ver: RIBEIRO, Suzana L. S. *Tramas e Traumas: identidades em marcha*. São Paulo, 2007. 392 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. p. 287-303.

³⁸⁵ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 302.

³⁸⁶ Apesar de apropriar das reflexões destes autores, não compartilho com algumas ideias dos mesmos, principalmente no que se refere à afirmação da impossibilidade de existir *identidades coletivas*. Ver: BERGER, P. L.; LUCKMANN, T., *A Construção Social da Realidade*, p. 228-235.

indivíduo e meio social (sociedade) ³⁸⁷. Torna-se relevante destacar que os autores salientam que as identidades não são de toda forma inflexíveis. Elas podem ser modificadas, remodeladas, enfim, transformadas com o processo histórico, de acordo com as necessidades dos grupos. Essa inferência pode ser relacionada à ideia de que as identidades estão em constante transformação e negociação, sendo as mesmas construídas em meio a um campo de tensão.

Na atualidade, existem diferentes correntes teóricas que tentam explicar como as identidades são construídas. Todavia, algo fundamental nesse processo e que permeia grande parte dos teóricos que escrevem sobre identidades é a relação que abrange o *Eu* e o *Outro*, ou o *Nós* e *Eles*. Isto é, a identidade (ou identidades) é manifesta e percebida com mais facilidade quando se está diante do diferente. Ao enfatizar que os sujeitos ou os grupos assimilam a “identidade social à imagem de si, para si e para os outros”, Pollak entende que as identidades são definidas e construídas a partir do *Outro*, podendo ser perfeitamente negociadas: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” ³⁸⁸. Na mesma direção, a pesquisadora Lucia Lippi Oliveira resalta alguns aspectos que são fundamentais na construção de identidades, os quais se referem ao “sentimento de pertença”, “à inclusão e exclusão por parte do grupo”, o “reconhecimento social” dos outros integrantes do grupo, e também se os sujeitos compartilham de um “passado comum”. Por ora, descreve:

A identidade, devemos lembrar, constitui um patrimônio comum de símbolos, que condensam tanto a evocação da memória quanto um projeto de futuro. A identidade deve ser capaz de abranger e de incorporar os indivíduos na esfera pública. Isto se dá a partir de um discurso capaz de desenvolver princípios que legitimem o pertencimento. O processo de produção de pertencimento envolve mecanismos de inclusão e de exclusão, o sentimento de ‘nós’ e de ‘eles’ ³⁸⁹.

Neste trabalho, enfatizá-se a dimensão de *identidade coletiva*, não que se negue as *identidades individuais*. A proposta em se pensar em uma identidade coletiva se funde no investimento do Movimento em criar um conjunto de práticas e valores particulares à sua

³⁸⁷ BERGER, P. L.; LUCKMANN, T., *A Construção Social da Realidade*, p. 230.

³⁸⁸ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. p. 5. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁸⁹ OLIVEIRA, Lucia L. Reflexões sobre Identidade e Alteridade: Brasil e Estados Unidos. In: SILVA, G. V. da.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Orgs.). *As Identidades no Tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 43.

organização, objetivando construir uma coletividade, ou uma *identidade coletiva Sem Terra*. Neste processo, a mística se processa como uma prática relevante na construção e afirmação dessa identidade que é edificada, ao mesmo tempo em que se torna um momento privilegiado em que se erigem representações sobre todas as instâncias e dimensões que permeiam sua organização e a vida dos sujeitos. Não obstante, compreendo *identidade coletiva*, sobretudo, a partir das reflexões de Pollak, quando este ressalta que identidade coletiva alude a “todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”³⁹⁰. Esse entendimento torna-se significativo, pois a identidade coletiva é fruto do investimento do próprio grupo, sendo assim, no interior dos grupos existiriam elementos característicos que identificariam os sujeitos em uma coletividade.

E quando digo *identidade coletiva Sem Terra*, saliento um investimento em se criar uma identidade comum aos sujeitos que fazem parte do MST. Ou melhor, refiro-me aos indivíduos que lutam pela reforma agrária, mas que são pertencentes à organização do Movimento, e que procuram compartilhar modos de viver e visões de mundo semelhantes. Os *sem-terras* é uma definição genérica em relação àqueles que lutam pela terra, nos mais diversos movimentos sociais do campo. O ser *Sem Terra*, com letra maiúscula e sem hífen, é uma construção que distingue os sujeitos pertencentes à organização do Movimento em relação a outros grupos sociais que lutam pela reforma agrária.

Essa diferenciação encontra-se expressa em vários materiais publicados pelo Movimento, como na poesia de Carlos, do estado do Espírito Santo, na qual enfatiza que: “Sou Sem Terra sim senhor, sou Sem Terra com amor”³⁹¹, e também nas falas dos sujeitos quando dizem que: “Somos Sem Terra! Sem Terra do MST! O Sem Terra é sempre. O nome do Sem Terra não sai nunca”³⁹²! É necessário ressaltar que essa distinção não é no sentido de os sujeitos, que integram o Movimento, serem superiores ou inferiores em relação aos sujeitos que participam de outras organizações na luta pela terra, mas, sim, na perspectiva de que as práticas, os modos de organização, as visões de mundo, os projetos políticos, dentre outras questões, por vezes são distintas. Neste prisma, cada grupo, com suas práticas e

³⁹⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. p. 7. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

³⁹¹ Carlos. Sou Sem Terra, sim senhor! In: MST – Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 2. 2ª Ed. *Somos Sem Terra*. São Paulo, julho de 2003.

³⁹² *Maria*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

representações particulares constroem e reconstróem sua identidade coletiva, se fazendo grupo e também se distinguindo de outros grupos.

As condições identitárias do ser Sem Terra extrapolam o fato de os sujeitos não terem a posse da terra, embora isso seja algo relevante e comum a todos. Essa identificação com o MST e, posteriormente, a incorporação do sentimento de ser Sem Terra geralmente começa quando o sujeito vai para o acampamento e continua se processando com a conquista do seu pedaço de chão. Nas análises das entrevistas realizadas com os sujeitos no assentamento Estrela da Ilha, foi possível perceber que por mais que os sujeitos não participavam mais com tanta intensidade das atividades do Movimento, estes demonstraram possuir laços sentimentais que os ligavam ao Movimento. Mesmo assentados, o que lhes tirariam em tese a sua condição de ser *sem-terra* (não ter terra), evidenciaram sentimentos de pertença à organização do MST. Ou seja, destacavam que iriam *ser sempre Sem Terra*, pois através do Movimento, tiveram a oportunidade de lutar e sonhar com uma vida digna. O sentimento de gratidão e respeito ao MST foi constante em grande parte das narrativas.

Ao assumir a identidade Sem Terra, os sujeitos passariam por um processo de rompimento com a *identidade sem-terra estigmatizada*. Sobre “identidade estigmatizada”, recorro às compreensões de Berger e Luckmann, que explicam que o estigma (por vezes pejorativo) é algo construído e inflexível³⁹³, que marca os sujeitos e os grupos. No decorrer do processo histórico, especialmente através dos meios de comunicação, criou-se uma imagem estigmatizada dos sem-terra, no sentido de que os mesmos eram *vagabundos, baderneiros, abusados, destruidores da ordem*, dentre outros adjetivos pejorativos. E quando os sujeitos interiorizam ao que está se chamando de identidade Sem Terra, esse estigma passa a ser quebrado paulatinamente. Primeiro pelos próprios sujeitos, como foi o caso de Odair. Antes de entrar para o MST, ele tinha uma visão deturpada de sua organização e da luta pela terra. Sobre o Movimento, reproduzia apenas os discursos que os jornais e as TV construíam. À medida que buscou conhecer, interagir com o MST e participar da luta pela terra, as suas ideias foram se transformando. Em suas palavras:

E o motivo de eu ter entrado pro sem-terra, quando eu ouvia falar em MST, não sei se você lembra numa época, você ligava o Jornal Nacional, aparecia lá uma cerquinha, uma enxada, um rastro de botina, eu olhava e falava: puta merda, você não assiste mais nada que presta nesse jornal, é só bagunça dessa penca de vagabundo, baderneiros que não tem nada pra fazer, querendo tomar a terra dos outros, rapaz eu metia o pau mesmo, falava que tinha bronca, e aí você, é o que acontece, você começa acompanhar o

³⁹³ BERGER, P. L.; LUCKMANN, T., *A Construção Social da Realidade*, p. 218-19.

negócio, aí você vê os resultados práticos, ou seja, pessoas que não tinha nada na vida, vivia aí perdido e de repente vai te incentivando, e foi isso que me fez ³⁹⁴.

Quem imaginaria que o Odair fosse fazer parte e se sentir pertencente ao grupo que detestava e repudiava. A sua visão do Movimento enquanto grupo de *vagabundos* e *baderneiros* se transformou. O MST passou a ser visto por Odair como uma oportunidade de mudar de vida, de conquistar seu pedaço de chão e viver com dignidade. Com o tempo, ele não teria mais vergonha de se identificar como Sem Terra, que lutava na organização do Movimento. Em outras narrativas, tanto construídas no acampamento Madre Cristina, como no assentamento Estrela da Ilha, analisei que muitos dos sujeitos que se diziam ser Sem Terra, no início de sua caminhada de lutas tinham vergonha de falar em outros lugares que eram acampados ou assentados, e que faziam parte da organização do MST. Mas isso foi se rompendo com o tempo, à medida que foram se identificando com o grupo e interiorizando as suas ideias, valores, práticas e representações.

Tendo como foco central analisar como se processa a construção da identidade Sem Terra, Suzana S. L. Ribeiro elenca algo que notei nas entrevistas com os sujeitos, tanto no acampamento como no assentamento. Os integrantes do MST com o tempo interiorizam para si uma identidade Sem Terra, um sentimento de pertença ao Movimento. Eles não são mais *arrendatárias*, *boias frias*, *sem-terras*, mas sim passam a se reconhecer como *Sem Terra*, lutadores pela terra, pertencentes a um movimento social chamado MST. Em contrapartida, partindo do pressuposto de que Movimento não é homogêneo, e que nem todas as pessoas pensam e sentem da mesma forma, não se pode acreditar que todos os sujeitos que lutam no MST interiorizam e se sentem pertencentes à sua organização. Mesmo que haja um investimento em se criar uma identidade coletiva, muitos sujeitos visualizam no Movimento apenas a oportunidade de conquistarem seu pedaço de chão, e alcançando seu objetivo não se envolvem mais com a organização e com as práticas comuns ao grupo. A identificação ou a construção da identidade Sem Terra se dá a partir de um processo de interação. É preciso que os sujeitos interiorizem os valores, as práticas e as visões de mundo da organização do Movimento para que se sintam pertencentes a ele.

Nessa direção, Ribeiro salienta que os sujeitos interiorizam “identidades múltiplas” (religiosidade, gênero, raça, procedência, etc.) que nem sempre reforçam ou vão ao encontro

³⁹⁴ Odair. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

da “identidade central” (coletiva) que o Movimento intenta construir³⁹⁵. Muitos sujeitos admiravam e de certa forma se sentiam parte do grupo, porém, não compartilhavam com algumas de suas formas de agir e pensar, como é o caso de seu João Pereira, 79 anos, assentado e que vivera mais de dois anos acampado. Em sua narrativa, disse que não gostava e entendia como errado as “invasões” (ocupações) que o MST realizava³⁹⁶. A visão de seu João se tornava contraditória às concepções do Movimento, pois o ato de ocupar é umas das características marcantes que permeiam a identidade Sem Terra.

Por estes descaminhos entre sujeitos e as concepções sistematizadas pela organização do Movimento, é que se encontra a tensão *no jogo de identidades*, em que os sujeitos as negociam a todo o momento, visando o bem-estar do grupo. Ao buscar solidificar, ou estabilizar princípios que regem sua identidade coletiva, não há como o Movimento homogeneizar os estilos de ser de seus integrantes. A busca por se construir uma identidade coletiva também tem seus limites e quase sempre é construída por tensões e negociações entre o sujeito individual e coletivo, mesmo que para a organização do Movimento o coletivo deva sempre prevalecer. As contradições e descontinuidades estão presentes no interior dos movimentos sociais, contrariando a velha ideia da homogeneidade dos grupos. É importante ressaltar que este fato não quer dizer que o grupo não intente buscar uma identidade coletiva, ou seja, algo inerente a todos, e que os identifique enquanto grupo.

De acordo com Ribeiro, ao interiorizarem a identidade Sem Terra, não quer dizer que os sujeitos perdem outras identidades inerentes à sua história de vida. Estes vão passar a ser Sem Terra, contudo não vão deixar de ser brasileiros, nordestinos, homens, mulheres etc. Deste modo, defende a noção das “múltiplas identidades”. “Dessa dinâmica, bastante fluída, surgem as múltiplas identidades, pois cada pessoa pertence ao mesmo tempo a várias comunidades ou grupos”³⁹⁷. Sobre isso, compreende os processos de identificação no MST como algo negociado e *sempre em marcha* (em movimento), no sentido de que o próprio Movimento, enquanto organização, sempre se vê obrigado a repensar algumas de suas concepções a partir da realidade dos acampados e assentados, que dão corpo e vida a ele.

A identidade Sem Terra é construída mediante a intersecção entre o sujeito e o coletivo, entre o indivíduo e o grupo, no qual os conflitos e as negociações são constantes. Todavia, quando tais conflitos são superados, fortalecem ainda mais o coletivo Sem Terra. A identificação de cada sujeito, no sentido de se sentir parte do MST, se configura como

³⁹⁵ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 307.

³⁹⁶ João Pereira. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 08/08/2009.

³⁹⁷ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 309.

particular, mesmo que a intenção do Movimento seja criar ambientes e atividades que possam desabrochar nos sujeitos esse sentimento de pertença. As experiências são individuais e particulares, podendo ser evidenciadas nas diversas narrativas construídas durante a pesquisa. Contudo, num determinado momento, estas se convertem para o que venho chamando de identidade coletiva, ou melhor, identidade Sem Terra.

Analisar como se dão os processos identitários não é uma tarefa simples. Com o decorrer do tempo, os grupos criam seus processos de socialização e identificação, e no caso do MST, existe um investimento em se construir práticas e valores que identificam os sujeitos Sem Terra. Para se constituir uma identidade coletiva é preciso que um conjunto de regras, valores e comportamentos sejam postos, visando que o grupo seja mais ou menos coeso em suas formas de agir e pensar. Ser um sujeito coletivo seria ser representante de um grupo. Os sujeitos Sem Terra, em todos os momentos, teriam a responsabilidade de ser representantes do Movimento.

São diversos os elementos que marcam a construção de uma identidade coletiva no Movimento. Tentarei elucidar de forma breve algumas características relevantes à construção do ser Sem Terra. Essa discussão não foge da problemática do trabalho, à medida que analiso a prática da mística como essencial para construir representações sobre os diversos elementos que permeiam a identidade Sem Terra. Ao adentrar para organização do Movimento, novas preocupações e visões de mundo começam a fazer parte da vida dos sujeitos, como, por exemplo, a luta para além da terra (educação, saúde, saneamento básico, etc.), o sonho de *uma nova sociedade*, a percepção de que os problemas que os envolvem são complexos e estruturais, a necessidade de criar *novos valores*, dentre outros aspectos.

Como estudiosa do MST, Roseli Salette Caldart elenca algumas reflexões importantes em torno dessa discussão. No seu entender, a formação do *sujeito Sem Terra* não se concretiza apenas na assimilação dos discursos, mas sim, fundamentalmente pela vivência pessoal nas ações de luta. Participando das lutas, realiza-se o que chama de “aprendizado coletivo”, que paulatinamente se transformam em “cultura própria”, no sentido do “jeito de ser, hábitos, posturas, convicções, valores, expressões de vida social produzida em movimento, e que já extrapolam os limites deste grupo social específico”. Sendo assim, os sujeitos integrantes do MST, por meio das lutas, vão se apropriando de novas formas de viver e conceber a vida, podendo ser sentidas em sua prática cotidiana. Os novos hábitos, valores e práticas seriam essenciais para se construir a identidade Sem Terra. Na visão de Caldart, ao fazerem parte do MST, os sujeitos acabam aprendendo e se identificando com alguns “aprendizados coletivos”, que são frutos da vivência na construção do próprio Movimento. Nessa direção, os sujeitos

criariam a partir da luta social e de suas experiências em grupo um “modo de ser Sem Terra”,³⁹⁸.

No processo de interiorização do “modo de ser Sem Terra”, quais seriam as práticas e valores que delineiam essa construção? Ou melhor, existem alguns elementos fundamentais que permeiam o forjar da identidade coletiva Sem Terra? O grande desafio para os pesquisadores que se aventuram em tentar compreender as construções de identidades é apreender os elementos essenciais que permeiam essa construção. No MST, o investimento em se construir uma identidade coletiva se processa de maneira conjunta, através das práticas e manifestações organizadas pelo grupo. Desta forma, as relações entre indivíduo/grupo, e indivíduo/atividades são fundamentais para forjar essa identidade, fazendo com que os sujeitos se identifiquem e se sintam pertencentes ao Movimento.

A *conquista da terra* se torna um dos elementos fundamentais para a organização e a sustentação da identidade coletiva Sem Terra, pois é um objetivo e sonho comum a todos os integrantes do grupo. Porém, há um conjunto de práticas na organização que se configuram como relevantes nesse processo. Segundo Ribeiro, as mobilizações (passeatas, ocupações, marchas, atos públicos em geral) são momentos relevantes para a edificação da identidade Sem Terra. Os cursos de formação, bem como outros cursos também se tornam importantes, pois através deles os sujeitos tomam conhecimento das normas, objetivos, valores e visões de mundo do Movimento. A prática da mística também se configuraria como elemento significativo na construção da identidade Sem Terra, pois acaba se tornando momentos marcantes, determinantes, explicadores e inspiradores para viver em coletividade.

Todas essas atividades e momentos são privilegiados no interior da organização do MST, e para que os sujeitos interiorizem a identidade Sem Terra, é necessário que os mesmos participem e se identifiquem com essas práticas, pois nelas cada sujeito é responsável por formar o *corpo* do Movimento. Nas atividades, os sujeitos são elementos centrais de um coletivo, haja vista que cada um representaria sua organização. Por este prisma, “as manifestações são exemplos de ações que promovem uma identidade oficial, que se pretende coesa, linear e homogênea”³⁹⁹. Nas entrevistas, ao falarem das marchas, ocupações e de outras atividades organizadas pelo MST, os sujeitos evidenciaram com grande intensidade seu sentimento de pertença ao grupo. Observei que esses momentos foram marcantes na vida dos mesmos, em que os fragmentos de suas histórias eram compartilhadas coletivamente.

³⁹⁸ CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 106.

³⁹⁹ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 324.

Momentos em que o *eu individual* dialogava com o *nós coletivo* e, assim, se erigia e ganhava força o *corpo* MST. Participar das diversas manifestações e atividades era sentir-se parte do Movimento.

No entendimento de Caldart, existem algumas práticas no Movimento que podem ser consideradas cruciais, em que se inicia o processo de edificação da identidade Sem Terra, ou como prefere dizer: “o modo de ser Sem Terra”. O primeiro se refere ao ato de “ocupar a terra”. Para a autora, a ocupação de terras, tão incentivada pelo MST, e sendo uma de suas maiores marcas, se processaria talvez como a “mais rica em significados socioculturais que formam o sujeito Sem Terra e projetam mudanças lentas e profundas no modo das pessoas se posicionarem diante da realidade, do mundo”. O ato de ocupar seria um dos princípios para a criação do ser Sem Terra, no qual “prepara o ‘terreno’ para os aprendizados desdobrados das demais vivências”⁴⁰⁰. Por meio da ocupação, o sujeito daria um passo político frente ao estado atual das coisas. A ocupação seria um sinal de ruptura com o sistema. Depois da ocupação, os sujeitos que eram *anônimos* passariam a ser reconhecidos como Sem Terra, seja em qualquer lugar.

A “vivência no acampamento” seria outro aspecto relevante no processo de construção da identidade Sem Terra. Neste espaço, os sujeitos teriam a oportunidade de aprender a viver em coletividade⁴⁰¹. Na ótica do MST, o acampamento é muito mais que um aglomerado de barracos a fim de fazer pressão nos órgãos públicos para efetivar as desapropriações de terras. O tempo de acampar é visto como um tempo de aprendizado, em que se começa a investir na produção do *novo homem*. Valores, visões de mundo, normas e disciplinas já começam a ser *ensinadas* para os sujeitos. Por isso, o acampamento possui outros sentidos relevantes à organização do Movimento. É necessário lembrar que o MST prima pela permanência dos sujeitos no acampamento, mesmo que nem todas as famílias se estabeleçam em tempo integral. Do ponto de vista pedagógico, o acampamento pode ser chamado com um *espaço de socialização*, em que os sujeitos necessariamente precisariam sair do isolamento, e vivenciar atividades coletivas. Não obstante:

[...] o acampamento pode ser olhado como um grande espaço de socialização dos sem-terra, que passam a viver um tempo significativo de suas vidas em uma coletividade cujas regras e jeito de funcionar, embora tão diferente da

⁴⁰⁰ CALDART, R. S., *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, p. 108.

⁴⁰¹ Sobre a dinâmica que envolve o ato de acampar, as formas de vivência em acampamentos e experiências de ocupações, ver: FACHI, Edna de. *Na Luta por um Pedaco de Chão: experiência e cotidiano nos assentamentos de sem-terra do Sul de Mato Grosso do Sul*. 2007. 225 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

sua experiência anterior, foram eles mesmos que ajudaram a constituir. É desde este aspecto que podemos identificar alguns dos aprendizados fundamentais que proporciona a quem dele participa⁴⁰².

Outro momento relevante para que os sujeitos interiorizem a identidade Sem Terra seria nos “assentamentos”. A princípio, ressalta-se que é preciso pensar os assentamentos não apenas como pequenas *unidades de produção*. Eles são muito mais que isso. Também são *núcleos sociais*, em que as pessoas desenvolvem e vivem diversas atividades que permeiam suas vidas. Caldart descreveu que nos assentamentos é marcada uma nova etapa da construção do modo de ser Sem Terra, pois com a conquista da terra os sujeitos precisam “fazer escolhas”, podendo elas serem geradoras de muitos conflitos. Algumas relações sociais que eram latentes no acampamento podem perder força com a conquista do lote principalmente quando as famílias começam a se isolar umas das outras.

Essa nova etapa que marca a construção da identidade Sem Terra geralmente é constituída por muitos conflitos entre as famílias. Conflitos estes que são até certo ponto normais, tendo em vista que embora possam ter trajetórias de vidas semelhantes, “viveram processos socioculturais diversos”. Uma problemática levantada pela autora é que muitas das famílias se acomodam com a chegada no assentamento, pensando que a luta terminou. Por parte do MST, há orientações para que as famílias que conquistaram seu pedaço de chão não parem de lutar, auxiliando outros companheiros a também chegarem à *terra prometida*. Esse aspecto é muito importante na construção identitária do Movimento⁴⁰³, já que mesmo *com terra*, os sujeitos não deixariam de ser *Sem Terra*, integrante do corpo chamado MST.

Ocupar a terra, viver no acampamento e continuar lutando mesmo depois de assentado, são, assim, pontos significativos para a construção da identidade Sem Terra. Todavia, ser do MST significaria viver de uma maneira *específica*, com características distintas, cultivando a utopia socialista da transformação social. Nesse sentido, “ser do MST quer dizer, então, ser um membro desta organização social de massas partilhando dos desafios cotidianos da implementação de cada um de seus princípios, objetivos e linhas de ação”⁴⁰⁴. Nos mais diversos materiais produzidos pelo Movimento, encontram-se uma busca *em ser diferente*. E construir características que o torna distinto é fundamental para sua identidade coletiva, partindo do pressuposto de que a identidade se manifesta predominantemente através

⁴⁰² CALDART, R. S., *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, p. 116.

⁴⁰³ CALDART, R. S., *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, p. 123-4.

⁴⁰⁴ CALDART, R. S., *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, p. 129.

do *Outro*. Em um *Caderno de Estudos*, publicado no ano de 2002, há alguns aspectos que auxiliariam na reflexão sobre o que é ser Sem Terra, ou um jovem Sem Terra.

Essa publicação intitula-se: *A Força da Juventude do MST na Luta por um Brasil sem latifúndio e Contra a ALCA*. Os textos contidos na fonte foram publicados especialmente para orientar os trabalhos de grupo, e de delegações de Jovens do MST que participaram do 4º *Curso sobre a Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural*, realizado na Universidade de Campinas (Unicamp). É bom lembrar que este material não ficou restrito apenas ao curso. A orientação foi para que depois se discutisse os textos com os jovens nos acampamentos e assentamentos. O objetivo central do material era proporcionar subsídios para que os jovens discutissem sobre a sua presença e atuação no Movimento. O MST, naquele momento, enfaticamente, dizia que era “chegada à hora e a vez de efetivamente a juventude entrar no MST”⁴⁰⁵. Esse *entrar no MST* objetivava algo mais, não apenas a presença dos jovens em suas atividades. Os jovens deveriam assumir tarefas em sua organização.

No que se refere a ser um *Sem Terra*, ou um *jovem Sem Terra*, são elencadas algumas características. “Ser Sem Terra é ter a ousadia de romper as cercas do latifúndio, de ultrapassar as barreiras da exclusão e conquistar um ‘espaço’ a partir do ‘não espaço’ – do espaço negado”. Também, “pertencer ao MST é, pois, ter a capacidade de sentir o peso da responsabilidade na luta pela Libertação do nosso povo. Pertencer ao MST é também sentir que o amanhã é possível e ‘está perto para que caminha adiante’, como diz o poeta”⁴⁰⁶. Sobre estas concepções de *ser* e *pertencer* ao MST, os sujeitos não têm uma tarefa fácil, pois ser do MST é se fazer distinto. Lutar, lutar e lutar se transforma em palavra de ordem, rumo ao sonho de uma sociedade de *homens e mulheres novos*, em que os valores, as visões de mundo, o modo de produção, deveriam ser distintos.

Ser do MST também perpassa pela dimensão de possuir uma *missão histórica*, de *lutar pela libertação do povo oprimido*. Deste modo, pertencer ao MST seria viver para o Movimento. Ao tentar forjar uma idealização do ser Sem Terra, eis que levanto uma problemática: será que o MST não se torna um tanto quanto *romântico*, no sentido de que os seus discursos e pretensões teriam seus limites, não conseguindo impactar em plenitude seus integrantes? A indagação não foi exposta para ser respondida, mas, sim, no intuito de provocar e aguçar os pensamentos. Quem sabe em trabalhos futuros volto a esta questão.

⁴⁰⁵ MST – Setor de Formação. *A Força da Juventude do MST na Luta por um Brasil sem latifúndio e Contra a ALCA*. São Paulo, janeiro de 2002. p. 5.

⁴⁰⁶ MST – Setor de Formação. *A Força da Juventude do MST na Luta por um Brasil sem latifúndio e Contra a ALCA*. p. 6-7.

Retornando ao material que está sendo analisado, é claro que pertencer e viver, conforme a organização do MST deseja, também passa pela opção pessoal, de crença no projeto e nas visões de mundo do Movimento. Para o MST, pertencer a sua organização é uma opção “voluntária” e “política”. A primeira se refere ao fato de os sujeitos optarem livremente por lutar em favor dos objetivos e causas do Movimento, fundados em seus princípios organizacionais, políticos e ideológicos. A opção política viria pela consciência de que lutar pela reforma agrária se configura numa luta política, em que haverá embates com o Estado e com a classe dominante. Neste sentido, os sujeitos tomariam consciência do seu direito historicamente negado, e passariam a lutar coletivamente para a conquista do mesmo. Como já havia discutido, pertencer ao MST exige que os sujeitos passem da condição de ser *sem-terra*, e adquiriram uma *identidade Sem Terra*, com nome próprio, integrante de uma organização coletiva. E, ser do MST, necessita-se ter em mente que a luta não é apenas para se obter um pedaço de chão, mas é uma luta contra toda a estrutura política, econômica e social que impede o acesso à terra, e que gera tantas desigualdades sociais.

Para alguém optar politicamente para pertencer a uma organização como o MST, não basta a condição natural de ser sem-terra. Essa condição é importante mas, para dar esse passo é necessário tomar consciência dessa condição, tomar consciência do processo histórico; das raízes, enfim, é necessário decidir – se a lutar contra a condição de ser sem-terra, a lutar contra as causas dessa condição⁴⁰⁷.

Ao procurar compreender como é construída a identidade coletiva Sem Terra e tendo a prática da mística relevância nesse processo, nota-se que o MST se quer fazer distinto. Isto é, busca construir características peculiares à sua organização. Construindo práticas, valores e modos de ser distintos, o Movimento também constrói sua identidade coletiva, se fazendo grupo e se diferenciando de outros. A pesquisadora Rosemeire Ap. de Almeida levantou reflexões significativas quanto a essa problemática. No seu entender, o Movimento constrói “práticas distintivas” em relação a outros grupos que lutam pela terra, e essas práticas seriam relevantes para a formação de sua identidade coletiva, ou como diria a autora, para a formação do *habitus* Sem Terra. Embasando-se no conceito de *habitus*⁴⁰⁸, sobretudo, a partir das ideias

⁴⁰⁷ MST – Setor de Formação. *A Força da Juventude do MST na Luta por um Brasil sem latifúndio e Contra a ALCA*. p. 7.

⁴⁰⁸ Conforme Almeida: “o ‘*habitus*’ é o sistema de disposições adquiridas por meio da aprendizagem do sujeito que, diante de situações novas, pode gerar estratégias práticas. Isso significa dizer que ele é capaz de inventar novas formas de desempenhar velhas funções”. Ver: ALMEIDA, Rosemeire Ap. de. *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 195-6.

de Pierre Bourdieu, Almeida ressalta algo relevante para pensar no “*habitus* Sem Terra”, à medida que este *habitus* faz reconhecer o sujeito e sua representação no meio social. “Por conseguinte, o *habitus* representa o indivíduo e o ser social, logo é a incorporação da mesma história partilhada pelo grupo e também aquilo que permite reconhecer o indivíduo entre todos os outros”⁴⁰⁹.

Nesse processo, Almeida destaca dois *habitus* relevantes que constituiriam o *habitus* Sem Terra, ou o *modo de viver* dos integrantes do MST. O primeiro seria o “*habitus* do enfrentamento”. Nas falas dos sujeitos, ao se remeterem às ocupações, manifestações públicas, paralisações nas rodovias, é possível observar vestígios desse *habitus*. O *habitus* de enfrentamento é um investimento do Movimento e faz com que os sujeitos incorporem em suas práticas *ações de enfrentamento*, não esperando a vontade do INCRA para efetivar as desapropriações de latifúndios improdutivos. *Partir para cima, ocupar, não vamos desistir, vamos enfrentar, vamos lutar, não vamos arredar o pé*, esta dentre outras expressões são constantes nas narrativas dos sujeitos entrevistados, sendo elas evidências do *habitus* de enfrentamento construído pela organização do MST.

Algo que Almeida sublinha, e que também é importante para se compreender a construção do *habitus* Sem Terra, diz respeito à “linguagem”. No MST, haveria um *habitus* expresso no falar, que conduziria aos sujeitos interiorizarem um vocabulário próprio. Algumas palavras como *movimento, mística, ocupação, conjuntura, barraco, acampamento, assentamento, formação, militância, caminhada, marcha, burguesia, elite*, dentre outras são comuns em meio aos sujeitos que o integram, os remetendo à criação de um “*habitus* lingüístico” próprio, gerando *identidade* e *distinção* em relação a outros grupos. Por este viés, no “processo de construção de um *habitus* lingüístico, a partir das condições sociais da luta, o MST cria novos significados e funções para as palavras, mas também recupera o significado social de algumas, com base na observância do *habitus*”⁴¹⁰. Na intenção de se fazer distinto, porém, não superior ou inferior a outros grupos que lutam pela terra, o Movimento constrói a sua linguagem, valores, normas, enfim, aquilo que acha importante para sua organização e conquista de seus objetivos.

No que tange às normas e aos valores privilegiados pelo Movimento, existe uma quantidade considerável de materiais que procuram sistematizá-los⁴¹¹. É interessante pensar

⁴⁰⁹ ALMEIDA, R. A. de., (Re) criação do campesinato, identidade e distinção, p. 197.

⁴¹⁰ ALMEIDA, R. A. de., (Re) criação do campesinato, identidade e distinção, p. 200.

⁴¹¹ Sobre as normas e regras da organização do MST, ver: MST – Cadernos Vermelhos Nº 2. Normas Gerais do MST. São Paulo, setembro de 1989. Em relação aos valores, ver: MST- Caderno de Formação Nº 26. A vez dos

que os valores que cerceiam sua organização também se constituem como significativos para a construção da identidade Sem Terra, especialmente pelo fato de que estes são sistematizados para tentar estabelecer um padrão de vida e condutas do ser Sem Terra. Os cuidados pessoais, a beleza nos acampamentos e assentamentos, a disciplina, a solidariedade, o companheirismo, os vestuários, a participação, a limpeza, os comportamentos pessoais, dentre outros aspectos compõem o quadro de valores e princípios do Movimento. A construção de *novos valores* soma-se na construção da identidade coletiva Sem Terra.

Nas publicações analisadas, talvez, o maior valor que encontrei foi o da “disciplina”. A palavra disciplina se repete constantemente nos materiais produzidos pelo MST ⁴¹² e é visualizada como um dos pilares básicos de sustentação do Movimento. Se não houver disciplina e respeito às suas *normas gerais*, o MST não conseguirá triunfar. No *Caderno Construindo o Caminho*, é dedicado um capítulo para trabalhar a questão da disciplina no MST, como se ela fosse parte integrante da identidade Sem Terra. A disciplina seria respeitar as *normas gerais* e os *princípios organizativos* do Movimento, de forma com que as ações dos sujeitos venham a contribuir com a organização, e não atrapalhar. Assim, “pode-se concluir então que ser disciplinado numa organização como o MST é a necessidade prática e objetiva para contribuir com a conquista da terra, da reforma agrária e das mudanças sociais no país”⁴¹³. Na publicação são discutidos diversas dimensões relacionadas à disciplina no MST, de modo que ser disciplinado diz respeito a todas as áreas da vida dos sujeitos, tanto as individuais como as coletivas ⁴¹⁴. Seguindo adiante na discussão, para ser Sem Terra, é fundamental ter disciplina. Ser disciplinado se configuraria como um valor indispensável na construção da identidade coletiva Sem Terra.

Não só a disciplina, mas também outros valores e padrões de comportamento precisariam ser incorporados pelos sujeitos para que se sentissem pertencentes e aceitos pelo grupo. Conforme Ribeiro, o processo de construção da identidade coletiva Sem Terra possui algumas imposições, e sendo representantes do Movimento, os sujeitos precisariam respeitar e criar gosto pelas regras e comportamentos que permeiam o modo de ser Sem Terra. Caso contrário, não seriam aceitos e nem interiorizariam sentimentos de pertença ao grupo. Por este viés, a identidade que o MST quer construir para si também se torna excludente, ou seja, aqueles que não compartilham com algumas ideias centrais do Movimento e praticam os

Valores. São Paulo, janeiro de 1998; MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, julho de 2001; MST – Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 1. *Nossos Valores*. Veranópolis – RS, junho de 2000.

⁴¹² No ano de 1992, o Movimento publicou na *Série de Cadernos Vermelhos* um material que discute especificamente sobre disciplina. Ver: MST – Cadernos Vermelhos Nº 5. *Disciplina*. São Paulo, janeiro de 1992.

⁴¹³ MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, julho de 2001. p. 216.

⁴¹⁴ MST – *Construindo o Caminho*. p. 217-26.

chamados *desvios de conduta ou vícios*, podem ser até expulsos do grupo. Neste caso, a entrada no MST que deveria ser para *incluir*, acaba reproduzindo a *exclusão*. Conforme Ribeiro,

A identidade construída coletivamente faz imposições, as pessoas do grupo cobram um comportamento que é o de representante. No limite, uma identidade criada para superar a exclusão pode igualmente se tornar excludente e intolerante. Em alguns casos nota-se que comportamentos desviantes também são punidos, e o próprio Movimento, estabelecendo limites, exclui pessoas do relacionamento naquela comunidade. Casos assim se repetem em assentamentos e principalmente em acampamentos relacionados à questão do alcoolismo e da dependência de drogas, o que no limite pode acarretar em expulsão ⁴¹⁵.

Mas o que tem a ver a prática da mística com essa discussão? Ou melhor, qual a relação da mística com a construção da identidade coletiva Sem Terra? Essa é uma questão que muito interessa, pois durante as análises observei que nas apresentações de mística devem-se construir representações que contemplem os aspectos fundamentais no processo de edificação da identidade Sem Terra. Nesta perspectiva, a mística se torna parte constitutiva deste processo. Através dela se constrói representações sobre o acampamento, o assentamento, as ocupações, os comportamentos e valores que os sujeitos devem vivenciar, dentre outras atividades e dimensões essenciais que constituem o modo de viver Sem Terra. É neste sentido que a prática da mística é tão respeitada e valorizada pela organização do Movimento, contribuindo para a construção de representações que privilegiam sua organização, se fazendo distinto dos outros grupos, e auxiliando na construção da identidade coletiva Sem Terra.

Tudo é relacionado à mística no MST. Além de ser um *valor* para sua organização, outras dimensões que fazem parte da vida dos sujeitos são desenvolvidas nas apresentações. As convicções políticas e ideológicas, os valores e visões de mundo do MST devem ser investidos no desenvolvimento da mística. *Animando* as lutas e *tocando o coração* dos sujeitos, sua prática é estrategicamente sistematizada. No *Caderno de Formação Nº 27*, o Movimento procurou demonstrar a importância de se trabalhar na mística as várias dimensões que abrangem sua organização e a vida cotidiana dos sujeitos. No texto de Ademar Bogo, fica explícita essa necessidade:

⁴¹⁵ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 314.

A mística deve ser desenvolvida também em torno de vários valores éticos e políticos como: a disciplina, a beleza, a limpeza, o companheirismo, o vestuário, o comportamento pessoal, a coerência: política, histórica e moral. Estes e outros valores passam a ter sentido quando combinados com a causa maior, pois passa-se a perceber que sem eles não se chegará onde queremos e se chegarmos as deformações serão tão grandes que não valerá a pena ter lutado e se sacrificado por aquilo ⁴¹⁶.

Nota-se que a mística deveria ser desenvolvida em torno dos *valores éticos e políticos* do Movimento. Numa perspectiva mais individual, é ressaltado no *Caderno de Formação* que essa prática necessitaria ser trabalhada também em torno dos *cuidados com o corpo e a saúde* dos sujeitos. Em maio de 2004, o *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* lançou uma *Edição Especial* em comemoração aos seus vinte anos de luta. Na página 4, são elucidados alguns *valores que libertam*, segundo a ótica do MST. Dentre estes valores, estão a *valorização da vida, a beleza, os símbolos, a defesa do trabalho e do estudo, a indignação, a ética, o respeito aos princípios*, e a tão valorizada *mística*. Pensando na prática da mística, é significativo como o Movimento a relaciona com outros *valores*. Além de ser um próprio valor, ela deveria contemplar outros valores. Isso se evidencia quanto ao *respeito aos princípios* do MST, no sentido de que a organização e todos os integrantes do Movimento devem “assumi-los como parte da vida e *criar a mística em torno deles*” (sublinhado meu) ⁴¹⁷. Nesta perspectiva, a mística passou a ser encarada como um elemento fundamental que movia a organização e os sujeitos a seguirem em frente, mesmo diante de tantas adversidades.

Vista como sua *alma* e sendo relacionada a tudo aquilo que envolve a organização e a vida dos sujeitos, o fazer da mística se torna essencial no Movimento. Nas apresentações são construídas representações que dizem respeito ao *coletivo Sem Terra*, e também a *questões individuais* dos sujeitos. Entretanto, as representações construídas são sempre direcionadas de acordo com os interesses e objetivos do Movimento. Na mística, a identidade Sem Terra é processada, em que os mais diversos elementos que compõem o seu fazer são canalizados buscando um só sentido: *a unidade do MST*. Na compreensão de Chaves, a magia da mística é auxiliar eficazmente na construção da identidade coletiva Sem Terra, em que todas as ações dos sujeitos, sejam individuais, sejam coletivas, necessitam primordialmente confluir com os interesses mais amplos do Movimento ⁴¹⁸. Nesse prisma, a mística se configuraria como parte

⁴¹⁶ BOGO, Ademar. Como Melhorar Nossa Mística. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998. p. 17.

⁴¹⁷ Valores que Libertam. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Edição Especial)*. São Paulo, maio de 2004. p. 4.

⁴¹⁸ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 85-87.

integrante do processo de formação do *homem novo*, fazendo com que os sujeitos interiorizassem seus princípios e normas, e acreditassem em seus projetos.

À medida que se torna relevante na construção de sua *memória histórica* e no processo de edificação da *identidade coletiva Sem Terra*, as celebrações de mística contribuem para que os sujeitos se sintam pertencentes ao Movimento. Ao mexer com as emoções, ela “alimenta o espírito da luta coletiva, fazendo com que as pessoas sintam e sonhem juntas”⁴¹⁹. Em relação à construção da *memória histórica* e *identidade coletiva Sem Terra*, historicamente a mística se tornou um elemento fundamental, pois, por meio do seu fazer, o Movimento vem conseguindo se comunicar de forma eficaz com os sujeitos e também criar representações sobre aquilo que almeja para sua organização e, sobretudo, propagar as práticas, valores e princípios que regem o modo de ser Sem Terra.

⁴¹⁹ RIBEIRO, S. L. S., *Tramas e Traumas*, p. 344.